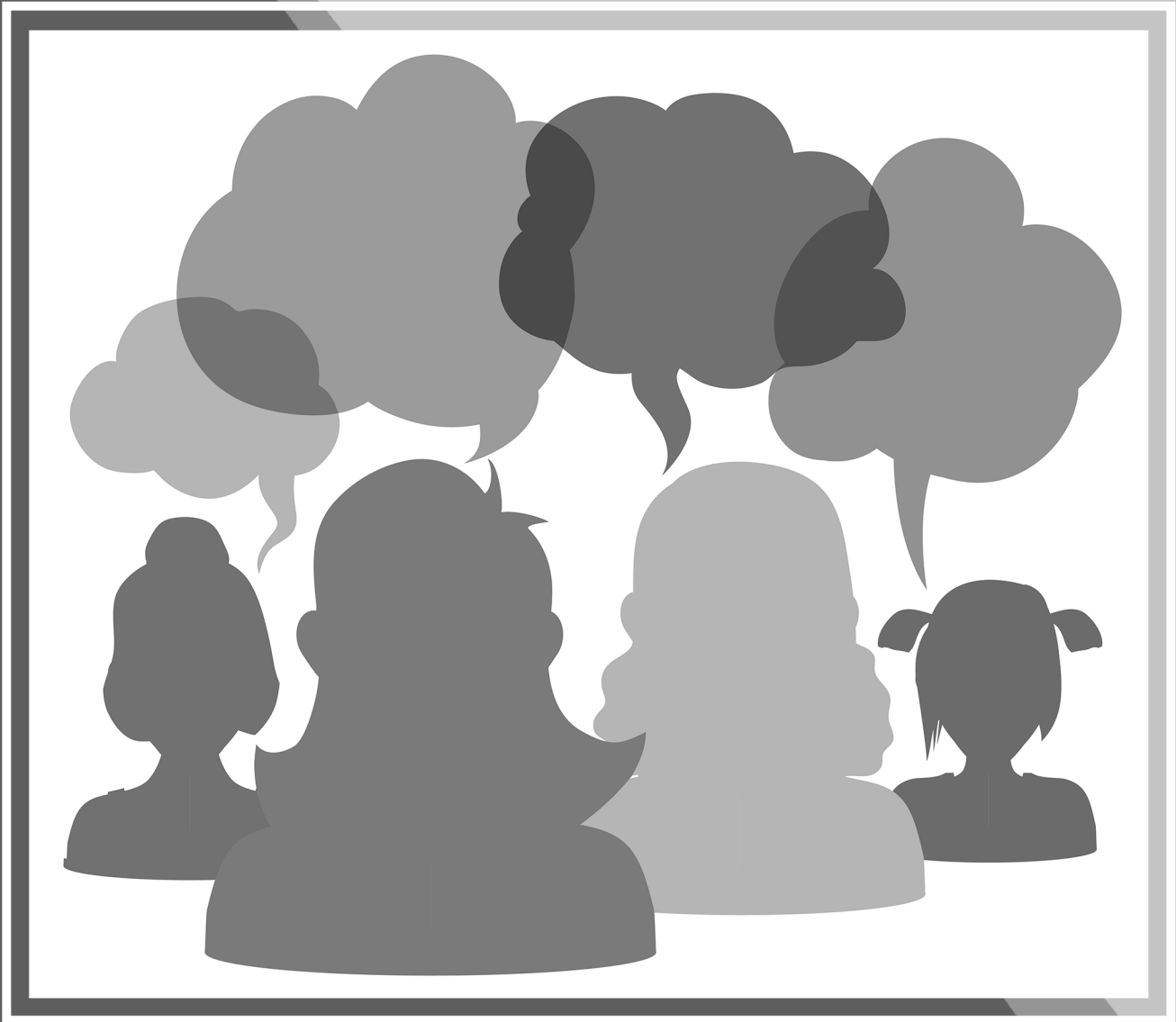


História: Espaço Fecundo para Diálogos 2



Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscaro
(Organizadores)

História: Espaço Fecundo para Diálogos 2



Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscarro
(Organizadores)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	<p>História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos 2 / Organizadores Antonio Gasparetto Júnior, Ana Paula Dutra Bôscaro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-81740-01-6 DOI 10.22533/at.ed.016201102</p> <p>1. História – Filosofia. 2. História - Historiografia. 3. Historiadores. I. Gasparetto Júnior, Antonio. II. Bôscaro, Ana Paula Dutra. CDD 907.2</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O campo da História é repleto de possibilidades ou, como sugere o título deste livro, um espaço fecundo para diálogos. Neste sentido, são possíveis análises cronológicas, quantitativas, qualitativas, biográficas, transnacionais e interdisciplinares que permeiam outras variáveis como econômicas, políticas, sociais, culturais e educacionais, por exemplo. Assim, o chamado para se refletir sobre a História é um chamado para se pensar a atuação do ser humano no planeta, em suas diferentes épocas, seus diferentes contextos e em suas diferentes abordagens.

A História, como ciência, é dotada de métodos que são empregados por seus pesquisadores e pesquisadoras para, a partir de questões que são colocadas, verificar suas teses em fontes pertinentes ao tema analisado. O que o leitor encontrará neste volume são textos que foram selecionados para composição do livro a partir de um eixo que prioriza a reflexão a respeito da Educação, da Religião e do Patrimônio. Os 30 capítulos são frutos de estudos que foram desenvolvidos por profissionais de diversas instituições do país.

Na primeira parte da obra estão reunidas análises históricas acerca da Educação. De modo que, internamente, esses textos permeiam debates em torno de questões étnicas na Educação, aspectos do ensino básico e do ensino universitário.

Na segunda parte da obra estão reunidas análises históricas situadas no campo das religiões. Assim sendo, os respectivos capítulos concentram análises que retomam aspectos religioso desde a Idade Média até os dias atuais, além de refletir sobre questões de gênero no campo religioso e trajetórias pessoais.

Por fim, a terceira parte do livro é composta por análises históricas no campo do Patrimônio. De tal forma abrangente que parte da antiguidade egípcia até a música contemporânea. Seus textos discutem outros temas como folclore, teatro e quilombos.

Em síntese, a obra *História: espaço fecundo para diálogos* é uma constatação ao leitor das inúmeras possibilidades das pesquisas históricas, apresentando resultados de investigações que são notadamente importantes para o conhecimento da sociedade. Ademais, é de suma importância a divulgação científica do trabalho do Historiador/Historiadora, que constrói pontes para uma sociedade mais justa e consciente.

Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscaro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
NEGRITUDE E MEMÓRIAS APAGADAS: O ENSINO DE HISTÓRIA E AS HISTÓRIAS NÃO CONTADAS DE UMA CIDADE MINEIRA (1976-2016)	
Maria Rita de Jesus Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.0162011021	
CAPÍTULO 2	14
EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UMA PROPOSTA DE VISIBILIZAR A LEI 10.639/2003 E DECOLONIZAR O CURRÍCULO NO CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL MIGUEL ARCANJO, EM SÃO SEBASTIÃO – DISTRITO FEDERAL	
Técia Goulart de Souza Elison Antonio Paim	
DOI 10.22533/at.ed.0162011022	
CAPÍTULO 3	24
ÓRFÃOS DO ELDORADO DE MILTON HATOUM: UMA PROPOSTA DE LEITURA PARA A HISTÓRIA E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA NA AMAZÔNIA	
Arcângelo da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.0162011023	
CAPÍTULO 4	37
HISTÓRIA INDÍGENA NO ENSINO DE HISTÓRIA: HÁ LUGAR PARA TEMPORALIDADES OUTRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA?	
Edith Adriana Oliveira do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.0162011024	
CAPÍTULO 5	53
PAULO BOURROUL E O ENSINO DAS CIÊNCIAS NA ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO NO FINAL DO SÉCULO XIX	
Matheus Luiz de Souza Céfalo	
DOI 10.22533/at.ed.0162011025	
CAPÍTULO 6	69
EDUCAÇÃO INFANTIL NA LEI FEDERAL Nº 10.639/03: INDIFERENÇA A SER SUPERADA	
Carla Santos Pinheiro Lauro de Freitas/Bahia	
DOI 10.22533/at.ed.0162011026	
CAPÍTULO 7	80
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL POR MEIO DA ILUMINAÇÃO SEMAFÓRICA DE BELO HORIZONTE: “PROJETO CIDADE REVELADA - INTERPRETAÇÃO E SINALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL”	
Ana Carolina Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.0162011027	

CAPÍTULO 8	91
PATRIMÔNIO CULTURAL E A HISTÓRIA LOCAL: UMA PESQUISA DO PROFHISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Antônia Lucivânia da Silva Paula Cristiane de Lyra Santos	
DOI 10.22533/at.ed.0162011028	
CAPÍTULO 9	106
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA OS ANOS INICIAIS	
Carollina Carvalho Ramos de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.0162011029	
CAPÍTULO 10	118
IMAGENS EM SALA DE AULA: O USO DE PINTURAS HISTÓRICAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Priscila Santos Calegari	
DOI 10.22533/at.ed.01620110210	
CAPÍTULO 11	131
CONTESTADO EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA COM O 1º ANO DO ENSINO MÉDIO	
Gerson Luiz Buczenko	
DOI 10.22533/at.ed.01620110211	
CAPÍTULO 12	141
ESCRAVIDÃO NEGRA NO BRASIL E INTERDISCIPLINARIDADE: UMA ANÁLISE DAS COLEÇÕES DE LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA E LÍNGUA PORTUGUESA	
Nádia Narcisa de Brito Santos	
DOI 10.22533/at.ed.01620110212	
CAPÍTULO 13	154
ARIANO SUASSUNA: A ESCRITA E A PRÁTICA DE UM PENSAMENTO EDUCACIONAL NO “BRASIL REAL”	
Aurea Maria Bezerra Machado	
DOI 10.22533/at.ed.01620110213	
CAPÍTULO 14	165
O (AUTO) BIOGRÁFICO NO PROCESSO FORMATIVO: DOCÊNCIA ORIENTADA NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	
Fabiana Regina da Silva Cristiane Medianeira da Silva Reis	
DOI 10.22533/at.ed.01620110214	
CAPÍTULO 15	180
A MISSÃO DAS UNIVERSIDADES: UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DAS PROPOSIÇÕES EDUCACIONAIS DE ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA	
Alexandre de Britto Redondo	
DOI 10.22533/at.ed.01620110215	

CAPÍTULO 16	194
UMA ANÁLISE DAS POLÍTICAS AFIRMATIVAS NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS: COTAS PARA ESTUDANTES NEGROS	
Josefa Neves Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.01620110216	
CAPÍTULO 17	208
SANTO INOCÊNCIO MÁRTIR: UM SANTO ITALIANO DO SÉCULO III EM TOMAZINA PR	
Jonathas Wilson Michelin	
Angelita Marques Visalli	
DOI 10.22533/at.ed.01620110217	
CAPÍTULO 18	221
A IGREJA E A FONTE DE NOSSA SENHORA D'AJUDA DE PORTO SEGURO (1551- 1761)	
Lucas de Almeida Semeão	
DOI 10.22533/at.ed.01620110218	
CAPÍTULO 19	233
AS HAGIOGRAFIAS SEISCENTISTAS DE JOSÉ DE ANCHIETA: PROJETOS POLÍTICOS E IDENTIDADES RELIGIOSAS EM CONCORRÊNCIA	
Camila Corrêa e Silva de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.01620110219	
CAPÍTULO 20	246
O SOCIAL NA ARTE SACRA DE E. P. SIGAUD: O CASO DAS PINTURAS MURAIIS MODERNISTAS NA CATEDRAL DE JACAREZINHO	
Luciana de Fátima Marinho Evangelista	
DOI 10.22533/at.ed.01620110220	
CAPÍTULO 21	258
A PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA NA DIOCESE DE MANAUS	
Elisângela Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.01620110221	
CAPÍTULO 22	271
O DESAFIO DE PESQUISAR O ACERVO DAS ORDENS RELIGIOSAS FEMININAS EM PORTUGAL	
Tatiane de Jesus Chates	
DOI 10.22533/at.ed.01620110222	
CAPÍTULO 23	284
O DISCURSO PROTESTANTE PENTECOSTAL DA BÍBLIA DA MULHER ACERCA DA CONDIÇÃO FEMININA VERSUS O DISCURSO ORAL DAS FIEIS	
José Glauber Lemos Diniz	
Daniele Barbosa Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.01620110223	

CAPÍTULO 24	298
ARCEBISPO DA PARAÍBA DOM JOSÉ MARIA PIRES: RELIGIÃO E POLÍTICA ENTRE OS ANOS DE 1965-1985	
Naiara Ferraz Bandeira Alves	
DOI 10.22533/at.ed.01620110224	
CAPÍTULO 25	308
PERSPECTIVAS HISTÓRICAS ACERCA DOS DISCURSOS SOBRE A MA'AT N'AS LAMENTAÇÕES DE KHA-KHEPER-RÉ-SENEB	
Victor Braga Gurgel	
DOI 10.22533/at.ed.01620110225	
CAPÍTULO 26	321
APONTAMENTOS PARA UM ESTUDO DA EMERGÊNCIA DO CONCEITO DE FOLCLORE NO PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO O CASO DE SILVIO ROMERO	
Manoel Carlos Fonseca de Alencar	
DOI 10.22533/at.ed.01620110226	
CAPÍTULO 27	330
NICOLAU ALEKHINE NO ARQUIVO IPHAN-SP: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA	
Rafael de Araújo Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.01620110227	
CAPÍTULO 28	340
COMPANHIA TEATRO MODERNO DE LISBOA (TML): ENGAJAMENTO, RESISTÊNCIA E CRIAÇÃO CULTURAL NOS ANOS 1960	
Kátia Rodrigues Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.01620110228	
CAPÍTULO 29	351
ACAMPAMENTO E CULTURA POLÍTICA: ESTUDO DE CASO DO ASSENTAMENTO ZUMBI DOS PALMARES – RJ (1997-2015)	
Elson dos Santos Gomes Junior	
DOI 10.22533/at.ed.01620110229	
CAPÍTULO 30	363
O RAP INTERCULTURAL CONSTRUINDO UMA REPRESENTAÇÃO HÍBRIDA DA CIDADE DE MANAUS (1989 A 1999)	
Richardson Adriano de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.01620110230	
SOBRE OS ORGANIZADORES	376
ÍNDICE REMISSIVO	377

O DESAFIO DE PESQUISAR O ACERVO DAS ORDENS RELIGIOSAS FEMININAS EM PORTUGAL

Data de aceite: 27/01/2020

Data de submissão: 01/11/2019

Tatiane de Jesus Chates

Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia (Uneb)
Salvador - Bahia

Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/6570371600578777>

* Artigo originalmente publicado nos Anais do 30º Simpósio Nacional de História.

RESUMO: Esta comunicação pretende apontar algumas possibilidades de investigação, relacionadas com o inexplorado acervo das ordens religiosas femininas que foram extintas em Portugal ao longo do século XIX. Tendo um fim diferenciado em comparação com as ordens religiosas masculinas, que foram sumariamente extintas a partir do decreto promulgado em 1834, as ordens religiosas femininas foram encerrando aos poucos, à medida em que suas últimas freiras/monjas iam morrendo. Quiçá em função deste “fim” que se prolongou por quase um século, o acervo de tais ordens religiosas foi dispersamente reunido. A análise das práticas conventuais, do perfil socioeconômico das freiras, dos seus níveis de letramento, das mensagens que redigiam, das diferenças existentes entre as mais diversas ordens

religiosas são alguns dos caminhos sugeridos. A história das mulheres, campo da historiografia contemporânea, lança mão de exemplos de mulheres que se tornaram intelectuais no cotidiano dos conventos. Ao resgatar a história dos mosteiros/conventos femininos portugueses, se espera uma maior visibilidade destas mulheres, ainda que silenciosamente se portassem.

PALAVRAS-CHAVE: História de Portugal. Século XIX. Acervo das ordens religiosas femininas extintas.

THE CHALLENGE OF RESEARCHING THE COLLECTION OF WOMEN'S RELIGIOUS ORDERS IN PORTUGAL

ABSTRACT: This paper intends to point out some research possibilities related to the unexplored collection of female religious orders that became extinct in Portugal during the 19th century. Having a different end compared to the male religious orders, which were summarily extinguished from the decree promulgated in 1834, the female religious orders gradually closed down as their last nuns died. Perhaps because of this “end” that lasted for almost a century, the collection of such religious orders was dispersed. The analysis of the conventual practices, the socioeconomic profile of the nuns, their literacy levels, the messages they wrote,

the differences between the various religious orders are some of the suggested ways. The history of women, field of contemporary historiography, makes use of examples of women who became intellectuals in the daily life of convents. By rescuing the history of the Portuguese female monasteries/convents, we expect greater visibility of these women, even if they quietly behaved.

KEYWORDS: History of Portugal. Nineteenth century. Collection of extinct female religious orders.

1 | INTRODUÇÃO

Estudar os mosteiros\conventos femininos em Portugal não é uma atividade nova. Dotada de um grande acervo eclesiástico, a paisagem lusitana inspirou\la muitos\as escritores\as, desde as mais remotas gerações. Exemplos não faltam entre os\as cronistas conventuais, cujo testemunho sobrevive até à atualidade. Crônicas relativas ao reinado de Afonso Henriques permanecem guardadas no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra a lembrar das grandezas do país ora em formação. A atividade da escrita, associada por sua vez às freiras e às monjas permite contrapor outros paradigmas consolidados. Se é verdade que muitas feiticeiras eram mulheres, muitas freiras também o foram. Pensar história da ciência, história da leitura, história da religião sem a devida correspondência com a história das mulheres denotaria uma tarefa no mínimo temerária.

2 | O ACERVO DAS ORDENS RELIGIOSAS FEMININAS E O CENÁRIO OITOCENTISTA PORTUGUÊS

As origens da extinção das ordens religiosas podem ser encontradas no período anterior ao século XIX, nas ações de expulsão jesuítica perpetradas pelo Marquês de Pombal (Ramos, 2007, p. 35; Dias, 2007, p. 55). Neste contexto, a *Junta do Exame do Estado Actual e Melhoramento Temporal das Ordens Regulares*, criada para ser comissão temporária em 1789, direcionou-se mais para questões individuais do que para a resolução dos problemas estruturais das ordens religiosas portuguesas. Sua existência se encerrou em finais de 1829 por ordem de D. Miguel, foi restaurada em agosto de 1833 por D. Pedro IV e interrompida definitivamente em 10 de outubro de 1834. A racionalização de recursos, a contenção nos gastos, o equilíbrio entre o número de casas e o número de religiosos\as, a moralização de hábitos e o respeito por compromissos sociais assumidos, especialmente em relação à reestruturação do ensino, foram alguns de seus objetivos (Abreu, 2004). A extinção das ordens religiosas teve como uma das balizas temporais a publicação dos decretos de agosto de 1833 e de maio de 1834, no primeiro caso com a proibição dos noviciados e no segundo

caso com o encerramento sumário das ordens religiosas regulares masculinas e com o encerramento paulatino das ordens religiosas regulares femininas, a ocorrer à medida em que fossem morrendo as últimas monjas\freiras dos mosteiros\conventos.

A transferência de livros das bibliotecas conventuais para as bibliotecas públicas não representou apenas a secularização de bens eclesiásticos, simbolizou uma mudança de paradigmas, dos signos sob as quais estava submersa a sociedade portuguesa, nos estertores do Antigo Regime. Para arrecadação e inventariação das livrarias conventuais, o Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos (DLEC) foi criado com esta finalidade (Barata, 2011). O longo processo que resultou na fusão entre este órgão e a Biblioteca Nacional de Lisboa, consoante a constituição de uma comissão independente no Porto, responsável também pelo surgimento da Biblioteca Pública do Porto, descortina as histórias que ainda precisam ser contadas, como o processo de arrecadação das livrarias dos conventos femininos, ocorrido entre 1887 e 1906 (Barata, 2003, p. 143). Para efeito ilustrativo, as religiosas do Mosteiro de São Bento de Avé-Maria possuíam, em sua quase totalidade, obras religiosas em suas celas (Loureiro, 1994, p. 64).

Poucos são os trabalhos que lançam luzes sobre o destino de religiosos\as após os decretos de 1833 e de 1834. Como exemplo, o cotidiano dos frades egressos das ordens regulares residentes no Alto Minho do século XIX se voltou para a dedicação ao ensino doméstico, ministrado em suas próprias casas, ou para a dedicação ao funcionalismo público, muitos tendo sido aí absorvidos, na faixa etária dos 21 aos 25 anos, instrumentalizando portanto os ganhos culturais que os concelhos receptores tiveram, ao ter sua vida sócio-econômica incrementada por profissionais tão qualificados (Rodrigues, 2004). O exílio imposto ao Fr. José da Sacra Família, em virtude de suas relações com D. Miguel, também permite pensar alguns destes destinos (Marques, 2007, p. 79). Dada a clandestinidade associada ao funcionamento de muitas destas ordens religiosas, os governadores civis dos distritos foram convocados para informar a existência de “instituições religiosas de ordens regulares”, registros posteriormente enquadrados em um formulário específico. Hintze Ribeiro fez o levantamento de 56 associações religiosas entre 1901 e 1910, oficialmente publicadas no *Diário de Governo*. O objetivo maior seria a secularização das congregações, no bojo das repercussões do caso Calmon (Villares, 1995).

Outros trabalhos analisam os meandros políticos do século XIX. O posicionamento político do padre Marcos, como um romântico injustiçado por escolher o caminho do diálogo entre clericalismo e liberalismo político, termo preferível ao liberalismo filosófico e\ou tolerância teológica, incompatíveis com as práticas cristãs. Tendo vivenciado o período romântico de despertar das nações europeias, o padre Marcos teria sido um aliado de D. Pedro IV e contribuído para a publicação dos decretos de agosto de 1833, que proibiam os noviciados. A situação de penúria em

que viviam muitas ordens regulares aparecia frequentemente como justificativa para a aprovação de diversos setores da Igreja às medidas de austeridade econômica. Esta é uma das leituras possíveis que permite entender a instalação da *Junta do Exame do Estado Actual e Melhoramento Temporal das Ordens Regulares* em 1789 (CARROMEU, 2007-2008). Para a compreensão do panorama político no século XIX, se faz necessária a utilização de periódicos. De existência efêmera (1820-1823), o jornal *Astro da Lusitânia* conseguiu reunir as ambiguidades e os conflitos da sociedade portuguesa, e da sociedade portuense em especial. As contestações ao poder eclesiástico abundavam no contexto de agravamento da situação econômica do país. A necessária liberdade de opinião e de imprensa afirmava-se como condição premente para a sobrevivência do jornal. A progressiva secularização das ordens religiosas adviria da visualização dos malefícios proporcionados ao Reino tanto pelas Ordens Religiosas quanto pela Inquisição e pela Intolerância Religiosa. No jornal *Astro da Lusitânia*, não é, contudo, colocada em xeque a religião católica (Pinheiro, 2004). A análise do panorama político no século XIX através de periódicos também pode ser feita através do inventário da imprensa católica entre 1820 e 1910 (Azevedo e Ramos, 1991). A imprensa periódica oitocentista proporcionou ainda uma maior visibilidade das lutas das mulheres. Uma outra possibilidade de estudos históricos se abre ao desvelar as notícias publicadas correntemente ao período em tela, por meio da produção intelectual feminina (Lopes, 2009).

Para uma revisão historiográfica do que se produziu no campo da história das mulheres em Portugal, a baliza temporal proporcionada pela Revolução dos Cravos em 1974 representaria uma perspectiva ímpar de investigação (Vaquinhas, 2002). A viragem dos anos 1850\1870 aparece como um período a que se tem poucas fontes para o estudo da história das mulheres, muito embora neste momento haja o despontar dos feminismos. Para o estudo do século XIX, a partir do discurso religioso sobre as mulheres, existem ainda algumas fontes indiretas (Vaquinhas, 2002). A associação entre feminismos e republicanismos nascentes torna-se uma alternativa de fácil apreensão.

3 | ORDENS RELIGIOSAS FEMININAS: ALGUMAS POSSIBILIDADES DE INVESTIGAÇÃO

Muitos trabalhos acadêmicos já se debruçaram sobre os mosteiros\ conventos femininos, nas suas mais diversas áreas disciplinares, desde os escritos historiográficos até os ensaios sociológicos. Em um destes ensaios sociológicos, pode ser encontrada a definição de instituição total, segundo a qual os mosteiros\ conventos estariam aí inseridos: “Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação

semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada” (Goffman, 2003, p. 11). Os mosteiros\conventos, por sua vez, não são todos iguais, a observância de uma ordem religiosa ou outra cria diferenças substantivas em seus ideários. Tal fato ajudaria a entender as predileções históricas de algumas classes sociais por tal ordem regular religiosa, em detrimento de outra: “Mais tarde, sobretudo desde meados de Duzentos, começará a implantação dos conventos de Dominicanos e Franciscanos (Clarissas na sua dimensão feminina); neste último caso, as clarissas serão muito mais procuradas pela nobreza do que as domínicas” (Sottomayor-Pizarro, 2015, p. 37).

As atividades desempenhadas pelas monjas\freiras nem sempre foram benquistas. No mundo feudal, de escassez de toda espécie de recursos, muitos trovadores expressaram o seu desapontamento com o recrutamento de mulheres para a vida monástica-conventual. Embora em uma atitude de vassalo perante o senhor Deus, o estranhamento e a desconfiança permitem entender o porquê de determinados trovadores visualizarem o monacato feminino como uma desfeita incompreensível, pois “porquanto Deus, em vez de servir e louvar as donas, as escondia atrás das paredes do mosteiro não cuidando delas” (Oliveira, 2015, p. 20). Possível explicação para uma posterior descrença trovadoresca.

Outras foram as interpretações feitas por estudiosas\os na atualidade, em relação à importância de mosteiros\conventos para a vida das mulheres. Considerados como “a grande escola” para as mulheres que desejassem uma maior instrução, uma maior consciência de sua feminilidade, por habitarem, ainda que temporariamente, em lugar distante do controle masculino no século (Leal, 2015, p. 16). O isolamento destas mulheres se utilizava de um recurso também comum aos espaços monásticos-conventuais masculinos, o claustro. Palavra, cuja origem auxilia na tarefa de entendimento das práticas religiosas regulares. Força centrípeta da arquitetura monástico-conventual, inicialmente fazia referência a todo o complexo de uso religioso, incluídas as casas e áreas adstritas. “Todavia, na Idade Média o termo começou a aplicar-se mais concretamente ao espaço geralmente quadrangular e porticado, em volta do qual todas as dependências monásticas se foram desenvolvendo” (Borges, 2006, p. 63). Ou seja: “Este conjunto de construções, agrupadas em quadrilátero e unidas entre si pelas naves do claustro é que constituía o mosteiro propriamente dito” (Borges, 2006, p. 64).

As mulheres vocacionadas para as atividades religiosas não se limitariam, tão somente, para mosteiros\conventos. Havia outras formas de vivenciar os sentimentos místicos. Os recolhimentos simbolizavam, pois, algumas destas alternativas. O Recolhimento da Rainha Santa Isabel do Anjo, localizado no Porto, tendo acolhido meninas órfãs, jovens donzelas e mulheres, viúvas e\ou casadas, tinha por princípios

a educação e a regeneração baseadas em “estratégias formativas do corpo e da alma”, após um período específico de internamento (Jesus, 2009, p. 67). Possuía alguns objetivos e rotinas pré-estabelecidos: “Para educar e corrigir mulheres, o quotidiano dos recolhimentos organizou-se segundo os modelos conventuais, onde as horas do dia, desde o levantar até ao adormecer, eram ritmadas pelas actividades religiosas. A santidade pessoal era o caminho a seguir por cada recolhida.” (Jesus, 2009, p. 72). Uma outra forma de vivenciar os sentimentos religiosos dizia respeito às beatas. Mulheres que não podiam casar nem fazer parte de um mosteiro\convento, por não encontrar pretendentes para o matrimônio e não possuir recursos financeiros para o dote exigido nas casas religiosas (Tavares, 2009, p. 89).

As beatas, detentoras da fama pública de santidade, incorriam não raras vezes no descumprimento do sexto mandamento e na adesão de práticas heréticas. Quanto ao domínio do casamento, o posicionamento católico pós-trento “reiterou todos os cânones do matrimônio, defendendo o seu carácter sacramental e repisando o princípio do consenso: é a vontade livremente expressa que cria o vínculo matrimonial” (Mota, 2009, p. 103-104). Trazendo o matrimônio para a esfera pública ao deslegitimar os casamentos clandestinos, através do decreto *Tam etsi*, a Igreja enfatizaria a sua natureza livre e voluntária. Estas características favoreceriam as mulheres, ainda que não houvesse intencionalidade. Mulheres também aparecem como fundadoras de mosteiros\conventos: “Genoveva Maria do Espírito Santo (1732-1821), fundadora não institucional do Real Mosteiro do Desagravo de Vila Pouca da Beira” (Jacquinet, 2015, p. 125). Não somente fundadora, mas também mantenedora: “a Genoveva se deveria não só a iniciativa da fundação do Mosteiro de Vila Pouca, quanto a garantia da sua sustentabilidade material” (Jacquinet, 2015, p. 128).

Muitas monjas\freiras demonstravam a posse de dotes artísticos: “Do mosteiro das Chagas chegaram até nós dois nomes de freiras artistas, que se dedicaram à arte da pintura e da escultura: a irmã Maria dos Anjos e a irmã Maria da Cruz” (Eusébio, 2009, p. 127). Outras, destacaram-se pela escrita de crônicas históricas, testemunhos que ficaram para a posteridade. Os relatos das freiras do Convento de Santa Clara de Vila do Conde acerca das vicissitudes do aqueduto de Santa Clara, da barca de passagem à ponte de pedra sobre o Rio Ave, da epidemia de 1837, da memória da imagem milagrosa da Senhora do Amparo, das notícias sobre as Invasões Francesas e das visitas pastorais do arcebispo D. João Crisóstomo de Amorim Pessoa (Marques, 2009). Tais relatos constituem “as interessantes informações que as ‘cronistas’ ou simples ‘escrivãs’ do Mosteiro, como elas se designam, nos deixaram” (Marques, 2009, p. 136). Relatos também poéticos como os de autoria de Maria de Mesquita Pimentel, religiosa do Mosteiro de São Bento de Cástris (Conde, 2015).

3.1 Escrita monástico-conventual feminina

Nos espaços monástico-conventuais, mulheres também tiveram oportunidades de manter contato com a cultura letrada de sua época. Além do acervo das bibliotecas que aí se encontravam, a escrita das crônicas monásticas por vezes era uma atividade feminina. Assim, explorar o universo de algumas destas crônicas, escritas entre o século XVII e o século XVIII, possibilitaria o entendimento de diferenças estabelecidas entre a oralidade e a cultura letrada para que se perceba que boa parte das crônicas escritas pelas mulheres foram escritas para serem lidas, dada a frequência e participação nos coros. Diferentemente dos homens, o domínio da linguagem escrita representaria para elas mais um instrumento de socialização proporcionado pela leitura em grupos. Espaços de atuação, portanto, distintos para homens e para mulheres (Bellini, 2010).

Nas escritas monástico-conventuais femininas, emergem alguns problemas. O anonimato dos textos, a limitação de edições, a abundância de manuscritos, publicação após a morte da autora, intencionalidade de escrita com finalidades de anátecer um determinado mosteiro\convento, e sua respectiva ordem religiosa, de beatificar ou santificar a autora monástico-conventual ou de valorizar os escritos de fundação (Santos, 2015, p. 25). Como exemplo, surge a dificuldade em precisar a autoria do *Sermão do Glorioso Santo Aleixo, escrito pelo singular engenho de uma senhora religiosa do Convento de Nossa Sr.^a da Esperança desta cidade de Lisboa no ano de 1699*. Por se tratar de um sermão escrito por uma religiosa do Convento de Nossa Sr.^a da Esperança, existiriam duas possibilidades de autoria, direcionadas para Soror Maria do Céu e Soror Maria Madalena da Glória (Morujão, 2015, p. 67). A mesma problemática foi verificada no Mosteiro de Jesus de Aveiro: “Não se sabe ao certo a quem coube a tarefa de compor a *Crônica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, mas não resta qualquer espécie de dúvida quanto à sua autoria feminina” (Moiteiro, 2015, p. 39-40). A autoria do *Sermão do Glorioso Santo Aleixo, escrito pelo singular engenho de uma senhora religiosa do Convento de Nossa Sr.^a da Esperança desta cidade de Lisboa no ano de 1699*, mediante uma análise acurada poderia ser atribuída à Soror Maria do Céu, em função desta desempenhar no momento de escrita do Sermão a função de Mestra de Noviças. Desta forma, a sua escrita revelaria os objetivos de formação destinada para um público feminino e restrito, emoldurada pela basilar escolha hagiográfica (Morujão, 2015, p. 70).

Estudos sobre Soror Maria do Céu e Soror Madalena da Glória permitem visualizar algumas ficções narrativas da literatura barroca, caracterizadas pela alegoria moral, gênero importante que evidencia os caminhos trilhados pela instrução religiosa conventual (Augusto, 2009). A escrita de monjas\freiras geralmente era dubiamente considerada: “Quer no exterior quer no interior dos conventos, coexistem, em suma,

duas atitudes de sinal contrário, relativamente ao exercício da escrita por parte das religiosas: o apreço e a desconfiança, a necessidade e a condenação” (Morujão, 2009, p. 62). Seja através dos sermões, das poesias conventuais ou das crônicas fundacionais, a produção de monjas\freiras representa fontes históricas fundamentais para a compreensão de uma determinada época: “Os comentários tecidos nas micro-biografias que proliferam nas crônicas das ordens religiosas apresentam-se significativos da sensibilidade da época à prática literária das religiosas e ainda do sentimento de algumas destas face à sua própria produção” (Morujão, 2009, p. 64).

Elocubrações teológicas também podem ser encontradas nas escritas monástico-conventuais femininas: “Do texto autobiográfico de Joana de Jesus emerge um conceito que se me afigura novo no contexto místico e filosófico: a noção de ânsias amorosas” (Serrado, 2015, p. 50). Tal noção é assim explicada: “as ânsias são um fenómeno teo-erótico, físico e espiritual. Ela não consegue respirar (o ar do mundo), não consegue mover-se, o seu corpo contrai-se. Neste estado, a alma recolhe-se ao estado em que as imagens do mundo desaparecem, e o conhecimento divino se lhe pode revelar” (Serrado, 2015, p. 60). Construções interpretativas várias decorrentes das possibilidades de leituras, que podem ser verificadas pelas marcas nos livros de pertença de religiosas e recolhidas (Campos, 2015, p. 111).

Ao desmistificar as distâncias existentes entre século e clausura no Mosteiro de Santa Clara do Porto, a clausura era uma regra imposta mais aos mosteiros\ conventos femininos do que aos mosteiros\ conventos masculinos, sobrepondo os votos de pobreza, obediência e humildade. Ao demonstrar, a partir da comparação dos livros de entradas com os livros de saídas, que os grandes intervalos de tempo vivenciados pelas religiosas fora dos mosteiros\ conventos, aliados à presença cada vez mais constante de seculares dentro destes espaços, indicariam formas de vida menos marcadas entre os dois campos considerados, o século e a clausura. A educação de meninas também contribuiria para uma vivência regular menos rígida (Fernandes, 1995). Parte das causas que concorreram para o término das atividades do mosteiro de Madre de Deus de Monchique no segundo quartel do século XIX pode ser visualizada no artigo de Maria Eugénia Fernandes. Ao dividir os mosteiros do Porto entre aqueles que tinham uma certa pujança, tais como Santa Clara e São Bento de Avé Maria, e aqueles em franco declínio, como o Mosteiro de Madre de Deus de Monchique, a autora interroga sobre os motivos do desaparecimento deste e descortina a dependência desta instituição em relação à Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, que realizava pagamentos pelo aluguel dos armazéns de Monchique. O Mosteiro de Madre de Deus de Monchique funcionou até agosto de 1834. Possíveis fontes de consulta para o estudo de conventos\ mosteiros são encontrados também em livros de registros de noviciados, de profissões e de óbitos, além de escrituras de contrato de dote para entrada no noviciado em

conventos femininos (Fernandes, 1993).

3.2 Mosteiros\conventos femininos no distrito do Porto no século XIX

Reduto das Revoluções Liberais do século XIX, o Porto enseja uma possibilidade ímpar para o estudo da extinção das ordens religiosas regulares femininas. Entender quais as suas motivações políticas, assim como os reflexos desta medida no cotidiano portuense, significa uma tarefa fundamental para o estudo do século XIX. De acordo com a tabela 1, em 1834 existiam 10 (dez) mosteiros\conventos femininos no distrito do Porto. Embora as delimitações distritais estivessem ainda em formação, esta foi a terminologia utilizada por Barata (2003). Este autor também pondera a respeito da data de fundação de muitos dos mosteiros\conventos citados, em virtude da ocorrência de segundas ou terceiras fundações, re-fundações.

LOCALIDADE	ORDEM RELIGIOSA	INVOCAÇÃO	FUNDAÇÃO	DISTRITO
1. Amarante	Franciscanos	Santa Clara	1226	Porto
2. Arrifana de Sousa (Penafiel)	Conceição de Maria	Nossa Senhora da Conceição	1716	Porto
3. Miragaia	Franciscanos	Madre de Deus	1533	Porto
4. Porto	Bentos (Benedictinos)	Salvador do Vairão	1110	Porto
5. Porto	Bentos (Benedictinos)	São Bento	1518	Porto
6. Porto	Bentos (Benedictinos)	São Bento	1550	Porto
7. Porto	Carmelitas Descalços	São José e Maria	1704	Porto
8. Porto	Franciscanos	Santa Clara	1256	Porto
9. Vila do Conde	Franciscanos	Santa Clara	1317	Porto
10. Vila Nova de Gaia	Dominicanos (Pregadores)	Corpus Christi	1345	Porto

TABELA 1: MOSTEIROS\CONVENTOS FEMININOS NO DISTRITO DO PORTO EXISTENTES EM 1834

Fonte: BARATA, Paulo J. S. Os livros e o liberalismo: da livraria conventual à biblioteca pública: uma alteração de paradigma. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003.

A partir da tabela 1, também pode-se observar a predominância da ordem franciscana, com 4 (quatro) conventos, e da ordem beneditina, com 3 (três) mosteiros. Juntas elas representam 70% dos mosteiros\conventos considerados. Os 3 (três) mosteiros\conventos restantes dividem-se, respectivamente, entre a ordem dominicana, a ordem concepcionista e a ordem dos carmelitas descalços. A fundação destas casas religiosas distribui-se entre o século XII e o século XVIII.

LOCALIDADE	ORDEM RELIGIOSA	INVOCAÇÃO	FUNDAÇÃO	DISTRITO
1. Porto	Congregação da Oliveira	Nossa Senhora da Conceição	1679	Porto
2. Porto	Congregação da Oliveira			Porto

TABELA 2: RECOLHIMENTOS FEMININOS NO DISTRITO DO PORTO EXISTENTES EM 1834

Fonte: BARATA, Paulo J. S. Os livros e o liberalismo: da livraria conventual à biblioteca pública: uma alteração de paradigma. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003.

Quanto aos recolhimentos femininos, havia no distrito do Porto 2 (dois) recolhimentos em 1834, conforme pode ser observado na tabela 2. Ambos da ordem religiosa da Congregação da Oliveira, segundo informações de Barata (2003).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os/as estudiosos/as tendem a dividir suas atenções para o cenário oitocentista português, sob os reflexos do liberalismo, ou para as ordens religiosas regulares femininas, e suas práticas de escrita monástico-conventuais. As análises liberais sobre as ordens religiosas regulares femininas são parcamente estudadas, e representa por isto um desafio epistêmico e de tal forma rico.

REFERÊNCIAS

ABREU, Laurinda. Um parecer da Junta do Exame do Estado Actual e Melhoramneto Temporal das Ordens Regulares nas vésperas do decreto de 30 de Maio de 1834. In: SILVA, F. Ribeiro da; CRUZ, M. Antonieta; RIBEIRO, J. Martins; OSSWALD, H. **Estudos em homenagem a Luís António de Oliveira Ramos**. Volume I. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 117-130, 2004.

AUGUSTO, Sara. As histórias de Preciosa, Peregrina e Angélica ou as metamorfoses da alma. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.). **Mulher, Espírito e Norma – Actas do IV Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões**. Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 31-48, 2009.

AZEVEDO, Joaquim; RAMOS, José. Inventário da Imprensa Católica entre 1820 e 1910. **Lusitânia Sacra**. II Série, tomo 3, Lisboa, pp. 215-264, 1991.

BARATA, Paulo J. S. **Os livros e o liberalismo: da livraria conventual à biblioteca pública: uma alteração de paradigma**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003.

BARATA, Paulo J. S. As livrarias dos mosteiros e conventos femininos portugueses após a sua extinção: uma aproximação a uma história por fazer. **Lusitânia Sacra**. II Série, tomo 24, Lisboa, pp. 125-152, 2011.

BELLINI, Lúcia. Cultura escrita, oralidade e gênero em conventos portugueses (séculos XVII e XVIII). **Tempo (online)**. vol. 15, n. 29, pp. 211-233, 2010.

BORGES, Nelson Correia. Arquitectura de Cister na Época Moderna. O *claustro*: força centrípeta

nos espaços da vida comunitária. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.). **As Beiras e a presença de Cister: Espaços, Património edificado, Espiritualidade – Actas do I Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões**. Sociedade do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 63-70, 2006.

CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de. Vidas exemplares femininas nas leituras do Convento de Santo Alberto, Lisboa (século XVIII). In: FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Tiago Pires (coords.). **Vozes da vida religiosa feminina: experiências, textualidades e silêncios (séculos XV-XXI)**. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa\Universidade Católica Portuguesa, pp. 107-124, 2015.

CARROMEU, Francisco. O romantismo político do padre Marcos (1820-1851). **Lusitânia Sacra**. II Série, tomo 19-20, Lisboa, pp. 15-40, 2007-2008.

CONDE, Antónia Fialho. Expressões de religiosidade e misticismo no *jardim fresco e ameno* de S. Bento de Cástris. In: FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Tiago Pires (coords.). **Vozes da vida religiosa feminina: experiências, textualidades e silêncios (séculos XV-XXI)**. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa\Universidade Católica Portuguesa, pp. 91-106, 2015.

DIAS, Geraldo J. A. Coelho. A “monacofobia” ao tempo do Liberalismo e a situação dos egressos beneditinos. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.). **Perspectivas do Portugal Contemporâneo: as ordens religiosas, da extinção à herança – Actas do II Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões**. Sociedade do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 53-72, 2007.

EUSÉBIO, Maria de Fátima. Freiras artistas no Mosteiro das Chagas de Lamego. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.). **Mulher, Espírito e Norma – Actas do IV Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões**. Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 121-132, 2009.

FERNANDES, Maria Eugénia Matos. Os últimos dias de Monchique. **Revista da Faculdade de Letras**. II Série, Volume X, Porto, pp. 245-270, 1993.

FERNANDES, Maria Eugénia Matos. Século e clausura no Mosteiro de Santa Clara do Porto. **Revista de História – Centro de História da Universidade do Porto**. Volume XIII. Porto, pp. 139-177, 1995.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 7ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

JACQUINET, Maria Luísa. Vozes femininas na génese de institutos regulares: Genoveva Maria do Espírito Santo (1732-1821) e o Mosteiro de Vila Pouca da Beira. In: FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Tiago Pires (coords.). **Vozes da vida religiosa feminina: experiências, textualidades e silêncios (séculos XV-XXI)**. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa\Universidade Católica Portuguesa, pp. 125-138, 2015.

JESUS, Elisabete. *Corpus et anima*: a educação das recolhidas de Santa Isabel do Anjo (Porto, sécs. XVII e XVIII). In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.). **Mulher, Espírito e Norma – Actas do IV Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões**. Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 67-83, 2009.

LEAL, Ivone de Freitas. As mulheres na vida religiosa portuguesa: fontes, itinerários e problemáticas. In: FONTES, João Luís, ANDRADE, Maria Filomena, MARQUES, Tiago Pires (coords.). **Vozes da vida religiosa feminina: experiências, textualidades e silêncios (séculos XV-XXI)**. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa\Universidade Católica Portuguesa, pp. 11-21, 2015.

LOPES, Ana Maria Costa. Ousar lutar, ousar vencer. A imprensa periódica oitocentista como motor da promoção intelectual feminina. **Comunicação e Cultura**, no 7, pp. 39-48, 2009.

LOUREIRO, Olímpia Maria da Cunha. **O Livro e a Leitura no Porto no Século XVIII**. Porto: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão\Fundação Engº António de Almeida, 1994.

MARQUES, João Francisco. O itinerário do egresso agostinho Fr. José da Sacra Família e a sua actuação contra-revolucionária no exílio. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.). **Perspectivas do Portugal Contemporâneo: as ordens religiosas, da extinção à herança – Actas do II Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões**. Sociedade do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 73-81, 2007.

MARQUES, José. O mundo visto do “convento”: crónicas e memórias de freiras de Santa Clara de Vila do Conde, dos séculos XVIII e XIX. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.). **Mulher, Espírito e Norma – Actas do IV Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões**. Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 133-164, 2009.

MOITEIRO, Gilberto Coralejo. Texto e experiência religiosa feminina: estratégias discursivas hagiográficas no seio da observância dominicana portuguesa. In: FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Tiago Pires (coords.). **Vozes da vida religiosa feminina: experiências, textualidades e silêncios (séculos XV-XXI)**. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa\Universidade Católica Portuguesa, pp. 31-48, 2015.

MORUJÃO, Isabel. Sinais de fogo. Entre a voz e o silêncio: literatura e espiritualidade nos mosteiros femininos. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.). **Mulher, Espírito e Norma – Actas do IV Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões**. Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 51-66, 2009.

MORUJÃO, Isabel. Uma tipologia de quase silêncio. Um sermão de clarissa: texto e contexto. In: FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Tiago Pires (coords.). **Vozes da vida religiosa feminina: experiências, textualidades e silêncios (séculos XV-XXI)**. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa\Universidade Católica Portuguesa, pp. 63-89, 2015.

MOTA, Guilhermina. A Igreja, a Mulher e o Casamento no século XVIII. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.). **Mulher, Espírito e Norma – Actas do IV Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões**. Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 103-118, 2009.

OLIVEIRA, António Resende. O trovador e o monge. A ordem de Cister na canção trovadoresca galego-portuguesa. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes; OSSWALD, Helena (coords.). **Ao encontro de Histórias e Patrimónios Monásticos – Livro do X Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões**. Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 13-26, 2015.

PINHEIRO, Susana Marta Delgado. Religião, sociedade e vintismo no jornal Astro da Lusitânia. **Lusitânia Sacra**. II Série, tomo 16, Lisboa, pp. 345-358, 2004.

RAMOS, Luís A. de Oliveira. A extinção das Ordens Religiosas: antecedentes e consequências. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.). **Perspectivas do Portugal Contemporâneo: as ordens religiosas, da extinção à herança – Actas do II Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões**. Sociedade do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 35-40, 2007.

RODRIGUES, Henrique. Extinção das ordens religiosas e dinâmicas sócio-culturais: frades residentes no Alto Minho no século XIX. **Lusitânia Sacra**. II Série, tomo 16, Lisboa, pp. 13-42, 2004.

SANTOS, Zulmira C. Escrita conventual feminina: um “arquipélago submerso”. In: FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Tiago Pires (coords.). **Vozes da vida religiosa feminina: experiências, textualidades e silêncios (séculos XV-XXI)**. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa\Universidade Católica Portuguesa, pp. 23-29, 2015.

SERRADO, Joana. Joana de Jesus (1617-1681): ânsias amorosas e leituras bíblicas. In: FONTES,

João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Tiago Pires (coords.). **Vozes da vida religiosa feminina: experiências, textualidades e silêncios (séculos XV-XXI)**. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa\Universidade Católica Portuguesa, pp. 49-62, 2015.

SOTTOMAYOR-PIZARRO, José Augusto de. Monjas e Filhas d'Algo. A aristocratização do monacato feminino (Sécs. XII-XIV). In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes; OSSWALD, Helena (coords.). **Ao encontro de Histórias e Patrimónios Monásticos – Livro do X Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões**. Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 27-38, 2015.

TAVARES, Pedro Vilas Boas. Beatas e santidade: os difíceis caminhos da afirmação feminina na sociedade portuguesa de Antigo Regime. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.). **Mulher, Espírito e Norma – Actas do IV Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões**. Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 87-102, 2009.

VAQUINHAS, Irene. Linhas de investigação para a história das mulheres nos séculos XIX e XX. Breve esboço. **Revista da Faculdade de Letras – História**. Porto, III Série, vol. 3, pp. 201-221, 2002.

VILLARES, Artur. As ordens religiosas em Portugal nos princípios do século XX. **Revista de História**, vol. 13, pp. 195-223, 1995.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ariano suassuna 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164
Armando de salles oliveira 180, 181, 182, 183, 184, 186, 188, 190, 192
Arte sacra 246, 253, 255
Assentamento 337, 351, 353, 354, 355, 356, 358, 359, 360, 361, 362

B

Bíblia 211, 215, 284, 286, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297
Biografia 166, 178, 200, 219, 233, 235, 241, 243, 244, 299, 330, 331, 332

C

Consciência histórica 19, 47, 50, 51, 106, 108, 109, 110, 115, 117, 134, 135, 138, 166, 172, 173
Contestado 131, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140
Cotas 181, 182, 190, 191, 194, 195, 196, 197, 198, 202, 203, 205, 206
Cultura 7, 10, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 22, 24, 26, 29, 30, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 51, 55, 56, 61, 69, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 81, 82, 83, 84, 86, 88, 89, 90, 93, 95, 103, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 130, 143, 147, 148, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 172, 174, 181, 184, 185, 187, 190, 192, 194, 196, 202, 203, 204, 216, 220, 236, 245, 261, 270, 277, 280, 281, 289, 290, 297, 299, 306, 307, 320, 321, 322, 323, 326, 328, 329, 343, 344, 351, 353, 357, 358, 360, 361, 362, 363, 366, 368, 369, 371, 374, 375, 376
Cultura política 270, 299, 306, 307, 351, 353, 357, 358, 360, 361, 362, 376
Currículo 14, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 37, 43, 47, 49, 53, 56, 57, 58, 60, 63, 64, 67, 68, 77, 79, 80, 96, 104, 107, 111, 120, 121, 122, 194

D

Diocese 102, 246, 251, 253, 255, 256, 258, 259, 264, 266, 269, 270
Discurso 4, 5, 15, 24, 31, 49, 78, 102, 124, 128, 129, 153, 155, 180, 183, 186, 187, 233, 238, 239, 241, 243, 255, 256, 274, 284, 285, 286, 287, 288, 290, 291, 292, 293, 294, 296, 297, 300, 302, 303, 304, 305, 306, 314, 315, 317, 375

E

Educação infantil 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 107, 206
Educação patrimonial 80, 83, 89, 90, 91, 92, 93, 332
Egito 156, 308, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 318, 319
Ensino das ciências 53, 54, 58, 62, 67
Ensino de história 1, 2, 12, 15, 19, 24, 37, 39, 44, 49, 51, 68, 91, 92, 99, 103, 106, 108, 117, 118, 119, 124, 129, 130, 153, 171, 172, 177, 179
Ensino fundamental 14, 15, 16, 21, 44, 70, 75, 93, 102, 104, 107, 118, 120, 123, 128, 129, 130, 132, 138, 139
Ensino médio 75, 123, 131, 136, 138, 139, 141, 142, 143, 152
Escravidão 5, 7, 9, 31, 43, 138, 141, 142, 143, 145, 146, 148, 151, 152, 153, 201, 346, 376
Etnografia 47, 216, 332

F

Folclore 14, 164, 321, 322, 328

Formação de professores 54, 55, 68, 76, 79, 106, 107, 108, 109, 178, 179

H

Hagiografia 214, 233, 236

História da educação 54, 68, 130, 165, 166, 171, 172, 174, 175, 177, 179, 192, 194

História indígena 35, 37, 40, 42, 44, 48, 49, 50, 51

I

Igreja 87, 92, 100, 148, 199, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 229, 230, 231, 237, 239, 240, 241, 243, 246, 247, 248, 250, 251, 252, 254, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 266, 268, 270, 274, 276, 282, 289, 290, 291, 292, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 322, 343, 347

Interdisciplinaridade 19, 141, 142, 145, 146, 148, 149, 150, 152, 153, 178

Iphan 90, 105, 330, 331, 332, 335, 336, 337, 338, 339

J

José de anchieta 225, 229, 232, 233, 234, 235, 239, 240, 241, 242, 244

L

Lei federal 14, 69, 70, 72, 78

Leitura 1, 2, 3, 24, 29, 62, 113, 114, 115, 118, 119, 125, 127, 128, 156, 160, 174, 231, 268, 272, 277, 282, 284, 286, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 306, 340, 345, 360

Livros didáticos 37, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 59, 63, 66, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 138, 140, 141, 142, 146

M

Manaus 26, 35, 36, 258, 259, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375

Mártir 43, 208, 209, 214, 216, 217, 218, 219, 263

Memória 1, 2, 10, 13, 14, 24, 26, 28, 33, 34, 35, 36, 42, 50, 51, 52, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 88, 90, 93, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 105, 112, 124, 130, 131, 132, 133, 136, 139, 140, 141, 151, 152, 155, 167, 172, 179, 219, 228, 231, 235, 237, 276, 300, 307, 308, 310, 318, 319, 331, 362, 371, 376

Murais 18, 246, 247, 248, 253, 256, 257

N

Negritude 1

O

Ordens religiosas 236, 237, 240, 243, 271, 272, 273, 274, 278, 279, 280, 281, 282, 283

P

Paraíba 91, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 101, 104, 156, 160, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 308
Patrimônio cultural 80, 86, 87, 91, 92, 93, 94, 95, 103, 104, 256, 330, 332, 338
Patrimônio histórico 80, 83, 87, 89, 90, 330, 335
Paulo bourroul 53, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67
Pensamento educacional 154
Pensamento social brasileiro 321, 326, 328
Pinturas históricas 118, 120, 123, 124, 125, 127, 128, 129
Política 14, 17, 21, 23, 36, 42, 48, 49, 56, 59, 68, 80, 105, 119, 121, 122, 129, 135, 155, 156, 160, 161, 171, 174, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 202, 205, 206, 207, 233, 240, 241, 242, 243, 247, 261, 270, 285, 288, 289, 291, 298, 299, 302, 304, 305, 306, 307, 312, 313, 314, 320, 325, 335, 340, 342, 343, 344, 349, 351, 353, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 373, 374, 376
Políticas afirmativas 21, 22, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206
Porto seguro 103, 126, 128, 221, 222, 223, 226, 227, 228, 229, 230, 231
Portugal 97, 178, 208, 214, 219, 223, 227, 229, 232, 245, 269, 271, 272, 274, 281, 282, 283, 323, 324, 325, 340, 341, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350
Profhistória 37, 91

R

Rap 363, 364, 365, 366, 369, 370, 371, 373, 374, 375
Religião 5, 19, 73, 102, 175, 209, 210, 212, 215, 245, 264, 265, 272, 274, 282, 298, 302, 303, 313

S

Sala de aula 2, 12, 14, 20, 22, 40, 45, 49, 65, 91, 93, 95, 109, 118, 121, 123, 124, 125, 128, 129, 131, 133, 134, 136, 139, 161, 163, 168, 176, 177, 339
Santo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 100, 101, 102, 118, 164, 208, 209, 210, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 224, 225, 226, 228, 230, 231, 236, 239, 244, 248, 251, 252, 259, 276, 277, 281, 301, 343, 371

T

Teatro 19, 51, 87, 154, 156, 157, 161, 162, 163, 164, 180, 183, 262, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 348, 349, 350, 369

U

Universidades 39, 162, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 192, 194, 196, 197, 198, 200, 205, 285, 305

Z

Zumbi dos palmares 87, 351, 353, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362

 **Atena**
Editora

2 0 2 0